

29/08/2017 às 05h00

Chavismo nunca superou modelo rentista do petróleo

Por **Marsilea Gombata** | De Caracas

A atual crise da Venezuela é produto de décadas e não foi criada pelo chavismo. Os governos de Hugo Chávez e de Nicolás Maduro cometeram os mesmos erros de gestões anteriores: quanto mais alto o preço do barril do petróleo, maior o gasto público e, conseqüentemente, o endividamento. A radiografia feita pelo sociólogo venezuelano Edgardo Lander mostra uma economia que hoje agoniza entre a falta de divisas para importar o essencial, um Estado cada vez maior e mais débil, e um cenário que se assemelha ao fascismo.



Edgardo Lander, um dos intelectuais mais importantes da Venezuela, foi da euforia à desilusão com o chavismo

"O país está passando por algo terrível, que para mim sempre foi uma espécie de pesadelo: a instauração do senso comum de que o público é corrupto, ineficiente e repressivo. Se isso se instala no imaginário coletivo, cria a base não somente para o neoliberalismo como também para o fascismo", diz em entrevista ao **Valor**, em sua casa, em Caracas.

Professor da Universidade Central da Venezuela e autor de "Neoliberalismo, sociedad civil y democracia: ensayos sobre Venezuela y América Latina" (1995), Lander é um dos intelectuais mais importantes da Venezuela e, como muitos pensadores da região, foi da euforia à desilusão com a trajetória do chavismo. Se no início o chavismo parecia fundar as bases de uma democracia ampliada, com o tempo mostrou traços de radicalização. Depois da tentativa de golpe de Estado em 2002, ele afirma, houve acirramento "da confrontação entre setores de oposição e que apoiavam o governo". "O discurso cubano é incorporado, assim como a ideia de socialismo", lembra. "Não sei se faz sentido a essa altura da história reivindicar socialismo como alternativa ao capitalismo, porque todas experiências de socialismo que conhecemos terminaram mal, sem exceção. Não sei se faz sentido carregar esse morto."

Valor: *O quanto da crise atual pode ser atribuída ao chavismo?*

Edgardo Lander: A atual crise venezuelana existe há décadas e tem a ver com modelo petrolero rentista, que se mostrou insustentável e entrou em crise ainda nos anos 1980. Naquela época, a capacidade do Estado de responder às demandas da população já não era possível com base somente no petróleo. A Venezuela já era um país totalmente dependente do petróleo. Boa parte dos ingressos fiscais dependiam do petróleo, e o gasto público se baseava nas receitas petroleras. Isso fez a Venezuela ter um regime muito centrado no Estado, na sua capacidade de distribuição, e nas relações clientelistas. A década anterior à chegada de Chávez ao poder, em 1999, foi de grande instabilidade, golpes de Estado e deterioração do setor social, acompanhada da queda dos preços do petróleo até o momento em que o país teve de seguir um receituário de ajuste neoliberal, que vinha sendo retardando graças aos ingressos petroleros. Chávez é favorecido por isso e ganha com folga as eleições de 1998. Logo anuncia um referendo para consulta popular sobre uma Constituinte, são realizadas eleições para a Constituinte [com realização de consulta prévia e eleições de seus membros].

Internacional

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Aviões da Coreia do Sul usam bombas após Coreia do Norte lançar míssil
00h12

Coreia do Norte lança míssil em direção ao Japão
28/08/2017 às 19h20

Inundada, Houston espera mais chuvas hoje com tempestade tropical
28/08/2017 às 09h54

Agenda de Temer na China inclui encontro com empresários e com Brics
28/08/2017 às 14h06

[Ver todas as notícias](#)

Videos



Manuel Romera
Profesor en el IE Business School

Mercado espera sinais de recuperação mais duráveis da economia argentina
06/07/2017



Valor International

The English news service from **Valor**

MARKETS

Temporarily FREE

Private-equity firms raise new funds to invest in Brazilian companies

29/08/17 09:55

ECONOMY

Foi um processo de grande legitimidade, que contou com uma mudança política importante. Não só porque essa Constituição trouxe a noção de democracia participativa como complemento da representativa, mas porque constitucionalizou direitos sociais e políticos, e também culturais e econômicos. Portanto, enquanto na América Latina havia ampla hegemonia de políticas neoliberais, a Venezuela era antiliberal. E isso, claro, gerou profundo rechaço dos setores empresariais.

Valor: *Como foi a reação a isso?*

Lander: Com a tentativa de golpe de Estado em 2002 e a greve petroleira e geral no fim daquele ano e em 2003. A partir daí foi se radicalizando a confrontação entre setores de oposição e que apoiavam o governo, que contava com ampla mobilização popular, conseguindo derrotar a tentativa de golpe e a greve geral. Isso acompanhado da alta do preço do petróleo, que permitiu ao governo desenvolver políticas sociais de cobertura ampla, como programas sociais de saúde, ampliação de vagas nas universidades, criação de universidades, ampliação da aposentadoria. Essas mudanças foram muito importantes, e é preciso tê-las em mente porque o que veio depois não é capaz de apagar o que passou.

O socialismo deixou de ser um sonho. Muito pouca gente no mundo hoje está disposta a lutar pelo socialismo

mas, sim, foi postergada. Gerou-se uma liderança e uma nova confiança que tinham como base a figura de Chávez, nova Constituição e mecanismos de participação - como os debates nas mesas técnicas de água. Isso revigorou a confiança da população venezuelana, que passou a ver novamente sentido na política, depois de um período de afastamento em relação aos partidos, e repolitizou a sociedade. Paralelamente a isso, a elevação do preço do petróleo permitiu um incremento substancial de gasto público em saúde e educação. Então durante cerca de dez anos houve crescimento econômico sustentável e uma repolitização da sociedade. Mas os aspectos fundamentais da estrutura econômica do país, a inserção da Venezuela na divisão internacional do trabalho como país monoexportador absolutamente concentrado em petróleo, não apenas não cessou, como se aprofundou. Quando Chávez morreu, em 2013, 96% do total do que exportávamos eram petróleo.

Valor: *Se fosse diferente a utilização dos recursos petroleiros, a crise poderia ter sido evitada?*

Lander : Há alguns pontos que devem ser olhados. O governo Chávez teve uma noção importante de dívida social, com a ideia de que somos um país rico, com as maiores reservas de petróleo, e níveis extraordinários de pobreza carência e uma profunda desigualdade. Essa sensibilidade gera uma resposta legítima, que levou à proporção de 70% dos gastos do Estado serem gastos sociais. Obviamente essa noção de responsabilidade atinge setores que passam a apoiar o governo, o que é fundamental para entender o que acontece ainda hoje. Mas há vários problemas. Há uma dependência e uma preocupação muito imediatista em garantir apoio eleitoral, pois há uma ofensiva muito forte da direita e de setores opositores. Chávez levou adiante inúmeros processos eleitorais, que lhe garantiram esse apoio. Houve referendo para a Assembleia Constituinte, eleição para a Constituinte, aprovação da Constituinte, referendo revogatório, eleições para governador, eleições municipais, eleições presidenciais. Estamos permanentemente numa confrontação eleitoral, e o governo sempre deu prioridade ao curto prazo, carecendo de um projeto de transformação produtiva para além do curto prazo.

Valor: *Como deveria ser feito?*

Lander : As políticas do governo repetiram o que já havia ocorrido anteriormente: tivemos vários booms petroleiros e bastava olhar um livro de história econômica para saber que os preços sobem e caem, e não sobem eternamente. Mas, justamente, os momentos em que a Venezuela teve os maiores ingressos petroleiros de sua história foram os momentos em que ocorreram os maiores endividamentos de sua história. Não apenas se gastou tudo o que entrava como se pensava que era possível se endividar ainda mais

Jobless households rise 22% in three years

Subscribe

Newsletter

O melhor conteúdo em economia, negócios e finanças gratuitamente direto em seu e-mail.

Receba Gratuitamente

Petróleo

(em dólares por barril)

[WTI](#) [Brent](#)

WTI		
Meses	Ajuste	Osc.
out/17	46,57	-1,30
nov/17	46,96	-1,16
dez/17	47,27	-1,07
jan/18	47,52	-1,01
fev/18	47,72	-0,98
mar/18	47,88	-0,95

[Veja as tabelas completas no ValorData](#)

Fontes: Dow Jones Newswires e Valor PRO.

porque o preço da commodity continuaria alto. Isso ocorreu em outros momentos da nossa história e voltou a ocorrer no governo Chávez. A expectativa de que o preço ia se manter nas alturas não apenas elevou o gasto público como deixou o país altamente mais endividado. A política de responder às necessidades da população e os novos mecanismos de participação, como as mesas técnicas num primeiro momento, e as comunas em um segundo, foram mecanismos que se basearam fundamentalmente na distribuição dos ingressos e não na criação de novas modalidades produtivas. E isso teve diversas consequências, mas duas particularmente importantes. A primeira é que para manter esses programas era necessário aumentar a dependência do petróleo, que era o que estava imediatamente garantido a curto prazo. E, segundo, esses mecanismos de participação estavam fundamentados na distribuição e não em modalidades de produção alternativas, o que os tornaram pouco autônomos e frágeis.

Valor: *Por quê?*

Lander: Pouco autônomos porque dependiam, em boa medida, dos recursos do Estado. E frágeis porque no momento em que o Estado não teve capacidade para continuar administrando esses recursos, deixaram de ter capacidade de fazer o que faziam e acabaram se debilitando.

Valor: *Houve um momento de endurecimento do chavismo?*

Lander: Houve um momento importante, no Fórum Social Mundial de 2003, em Porto Alegre, no qual Chávez declarou que a revolução venezuelana era socialista. A partir dali, as coisas mudaram. Em primeiro lugar, a influência política ideológica cubana se fez mais presente. E um desdobramento importante foi o entendimento de que



Membros de milícia chavista antes de exercícos militares ordenados por Maduro em resposta à ameaça militar dos EUA

socialismo é estatismo. Não como social-democracia e tampouco como tecido social expandido, com associação de produtores ou mecanismo de produção social, mas como um modelo centrado no Estado. Assim, para se avançar com o processo de socialismo foi preciso avançar no processo de estatização. E este ocorreu de forma muito mais acelerada do que a capacidade de gestão, operação e investimento que o Estado tinha para manter essas empresas. Um exemplo é o aprofundamento da crise econômica decorrente da doença holandesa no país, com severos problemas para se ter acesso a dólares para importações, insumos e peças de reposição, que afetou empresas não somente privadas, mas também estatizadas. As empresas que foram estatizadas passaram a ser companhias que se mantiveram vivas com subsídios petrolíferos. Então o Estado venezuelano se converteu num Estado maior, com muito mais pessoal, mas muito mais débil também.

Valor: *Em sua opinião, socialismo não tem a ver necessariamente com estatização?*

Lander: Foi o que o chavismo naquela época entendeu por socialismo. Eu pessoalmente não sei o que é socialismo nem sei se tenho certeza que faz sentido a essa altura da história reivindicar socialismo como alternativa ao capitalismo, porque todas as experiências de socialismo que conhecemos terminaram mal, sem exceção. Então não sei se faz sentido carregar esse morto porque esse morto deixou de inspirar os imaginários de mudança em boa parte do mundo. O socialismo deixou de ser um sonho. Muito pouca gente no mundo hoje está disposta a lutar pelo socialismo como forma de alcançar uma sociedade libertária. Creio que essa carga, o peso histórico dessa experiência já passou. E uma das coisas mais dolorosas desse processo atual é que a experiência venezuelana está contribuindo para colocar um prego nesse caixão. Hoje se você falar em socialismo para os venezuelanos, eles dirão: 'Vá de retro, satanási!'. Todas as sociedades da Europa Oriental que vivenciaram o socialismo, hoje, são sociedades de direita.

Valor: *O senhor crê que isso vai acontecer com a Venezuela?*

Lander: Creio que isso já está acontecendo. O país está passando por algo terrível, que para mim sempre foi uma espécie de pesadelo: a instauração do senso comum de que o público é corrupto, ineficiente e repressivo. Se isso se instala no imaginário coletivo, cria a base não somente para o neoliberalismo

como também para o fascismo.

Valor: *Existe fascismo na Venezuela hoje?*

Lander: Ainda não. Mas existem grupos paramilitares, de ambos os lados. Há elementos que se assemelham muito ao fascismo. Os chamados coletivos chavistas, por exemplo. Isso é terrível.

Figura de Hugo Chávez e altos preços do petróleo foram os pilares de sustentação da revolução bolivariana

Valor: *Os dissidentes dizem que com Chávez o país não estaria nesse enclave político, institucional....*

Lander: A essa pergunta não há uma resposta preto no branco. Mas há fatores estruturais. À medida que a crise

recorrente, de falta de diversificação produtiva, não se solucionou, mas sim se postergou, nos encontramos novamente diante de crise que vem de décadas atrás. Essa não é uma crise produzida pelo governo Chávez, mas postergada por ele, e que vem se arrastando desde os anos 1920. Ainda temos uma economia muito pouco diversificada, que tem de importar permanentemente, inclusive produtos de consumo fundamental dos venezuelanos como feijão, arroz, café, farinha. Itens que hoje a Venezuela importa, mas que antes produzia e exportava.

Valor: *Por que se postergou essa diversificação, o que acabou levando a esta crise sem precedentes?*

Lander: A crise foi postergada por dois fatores fundamentais: a figura de Chávez, e sua capacidade de repolitizar a sociedade e ter apoio dos setores populares, e pelos altos preços do petróleo. Foram esses dois pilares que sustentaram o processo de revolução bolivariana. Mas em 2013 essas coisas desapareceram quase que completamente: morre Chávez e os preços do petróleo colapsam, chegando a US\$ 23 depois de atingir os US\$ 140. Começa então a crise econômica, Maduro ganha as eleições por uma diferença de 1,5 ponto percentual, quando meses antes Chávez havia ganhado por vantagem de 9 pontos percentuais. Mas Maduro não é Chávez: não tem a capacidade carismática que teve seu antecessor, não tem o controle sobre os diferentes setores do partido. Quando apareciam as fissuras que sempre estiveram presentes no Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV), nas Forças Armadas e no governo, Chávez controlava. Maduro não as controla. Maduro controla uma parte do chavismo, mas não Diosdado Cabello, por exemplo, e nem todos os setores militares. Então é um governo muito paralisado porque não tem coerência nem direção política.

Valor: *O que há de novo na crise que marcou o fim do governo Chávez e assola o atual governo?*

Lander : Por exemplo, hoje há uma espécie de incorporação de um pensamento da população de que é preciso ter dólares para se proteger. O dólar é hoje uma forma de acumulação financeira muito forte. Na medida em que esses dólares não são suficientes dentro do que é disponibilizado pelo governo, começam a ser feitas importações também com base na taxa paralela. Apesar de existir o dólar oficial, começa-se a estabelecer uma estrutura de preços como se as coisas estivessem sendo importadas com dólar paralelo. Isso gera mais distorção e é um mecanismo inflacionário desatado. Mas, além disso, gera uma corrupção estrutural dentro do Estado. Hoje temos três paridades, mas o importante não é quantas há, mas a diferença entre elas. Há uma paridade de dez bolívares por dólar, usada para alimentos e remédios. Outra determinada pela oferta e demanda, disponibilizada pelo banco central, que está cerca de 3.200 bolívares por dólar. E há a outra, a 16 mil. O que acontece se um funcionário tem em suas mãos divisas que seriam vendidas a uma empresa a 10 bolívares, mas podem valer 16 mil? Qual a diferença entre 10 e 16 mil? Isso gerou um massivo mecanismo de corrupção, cada vez mais importante nos últimos anos.

Valor: *O projeto chavista era bolchevique?*

Lander: Quando Chávez lança o programa de governo e dá início ao processo de revolução bolivariana apresenta mais uma seleção de valores do que um projeto de país. Fala em democratização da sociedade, complemento da democracia representativa com a participativa, controle público de bens fundamentais do Estado contra tendências de privatização do petróleo de governos anteriores, fala na identidade latino-americana e um

mundo multipolar enfrentando o mundo unipolar dos Estados Unidos. Mas essas coisas em si não constituem um projeto de país, são valores. No entanto, se você olhar a Constituição de 1999, ainda vigente, a palavra socialismo não aparece em nenhuma parte. Mas à medida em que a confrontação política se intensifica com o golpe militar e a greve petroleira, vemos uma radicalização que vai levando o governo a um tipo de confrontação com o que identifica como capitalismo, burguesia etc. O discurso cubano é incorporado, assim como a ideia de socialismo. Mas Chávez não era um stalinista enrustido, isso foi sendo criado.

[f Compartilhar 36](#)[Tweet](#)[Share](#)[Q](#)